



le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









B. LOPES

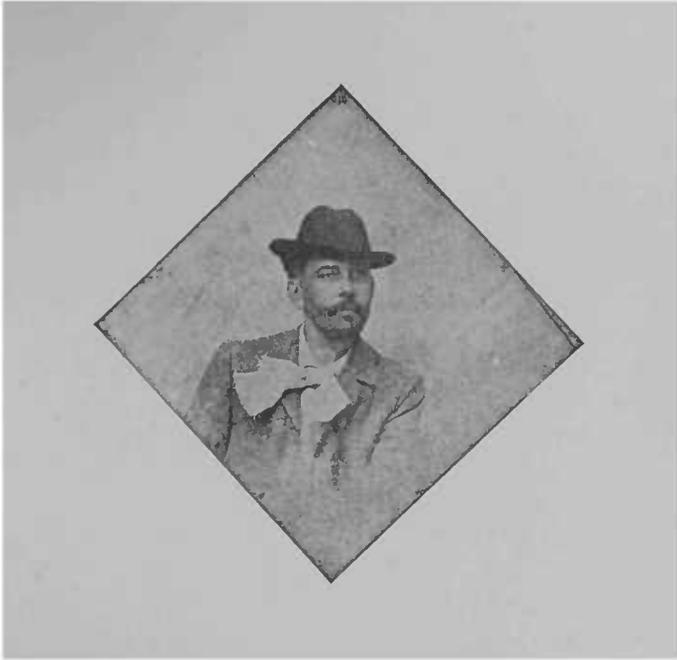
---

# Plumario

SONETOS E POESIAS

*Antônio de Souza*







# PLUMARIO

## DO MESMO AUCTOR

### LIVROS DE VERSOS PUBLICADOS

**Chromos** (esgotado) 1881  
**Pizzicatos** (esgotado) 1886  
**Dona Carmen** (poemeto esgotado) 1890  
**Brazões** (esgotado) 1895  
**Chromos**, 2ª ed. augmentada (raro) 1896  
**Sinhá Flor** (esgotado) 1899  
**Val de Lyrios** 1900  
**Hellenos** 1901

### A PUBLICAR

**Fantasias** (versos alegres)

# INTROITO

De novo a tenda aqui armo,  
Mas, d'esta vez, fatigado,  
Não no estellifero prado,  
Mas sobre o Monte do Carmo.

Já não ha sons de guitarra,  
Nem é beirada de renda ;  
Sómente emcima da tenda  
Canta, de tarde, a cigarra.

Volto aqui de manto roto,  
De bordão, não mais de lança;  
De alma já sem esperança,  
E a vida n'um alvoroto.

Não fosse eu ter na peleja  
Esta eterna companheira,  
Que, ao ver-me desta maneira,  
Inda me segue e me beija!

Caminhar de olhos alertos  
A Musa de pés macios,  
Curtindo dores e frios,  
Por semelhantes desertos

Subir monte e descer valle,  
Em marche-marche diuturno,  
Sem o auxilio de um cothurno,  
Sem a protecção de um chale!

D'ahi, talvez a alguns olhos  
A tua nudez encante...  
Curva de deusa ondulante,  
Sangrando em púas de abrolhos.

Andar ás tontas e aos trancos,  
Com religião de propheta,  
Acompanhando um poeta  
Cheio de cabellos brancos!...

Zélas por mim, doce Musa ;  
Rogas, pedes, fazes preces...  
N'este ponto me pareces  
A velha de Syracusa...

Antes com este, supplicas,  
Ao menos... ora, que tola!  
Me chama de sua rôla,  
Não me deixou pelas ricas!

Monte Carmello do sonho,  
Aqui me tenho e me deixo!  
Contemplo, de mão no queixo,  
E a rude lyra deponho...

Tudo d'aqui descortino,  
Que os horisontes são largos!  
Poentes formosos e amargos,  
Clarões de sol vespertino...

Largos ideaes de quem ama!  
Mas, hão de ver, em esboço,  
A tenue imagem de um moço  
Ao fundo do panorama!

Pois, minha Musa, acampemos,  
Sob a longa Ave-Maria.  
Amanhã, rompendo o dia...  
Ai! pobre flor, morreremos!

## SONETOS



## PLUMARIO

Plumas! brancas e azues, extraordinarias,  
Dos mantos reaes e das archiduquezas;  
Dos diademas de baile das princezas  
E dos leques sensuaes das millionarias.

Negras, mesmo. As que exhalam, solitarias,  
Na penumbra do luto e das tristezas..  
Plumas das mais bizarras naturezas,  
Plumas longas de harem, mornas e varias.

Plumas ardendo em fogo de escarlate,  
De oiro esbrazeado, plumas de combate,  
Encrespadas, febris, lisas algumas ;

Plumas da fauna universal, querida !  
Para rolarmos toda a nossa vida  
Sobre um tapete orgiaco de plumas !

## BRONZE

Olha este regio bronze florentino,  
Olha o conquistador de sul e norte :  
Da espada núa vomitando a morte,  
Dos olhos e da bocca o \_estro de um hymno.

Monta sobre as nações — Cesar divino —  
Como sobre o corcel de altivo porte,  
A espora de oiro retinindo forte...  
Eil-o! n'uma batalha em Solferino.

Sobre o extranho bicórne o mundo todo  
Convulso gira... É a aguia do denodo  
Que agita as azas n'este bronze de arte.

Certo que esta soberba miniatura  
E, na grandeza da immortal figura,  
Uma resurreição de Bonaparte.

## RYTHMO DA LINHA



Pede-me, ao espelho, e a rir, que eu a retrate  
Núa, mas toda núa e sem refólhos;  
Como pintar o bruno de seus olhos  
E a sua original pallidez matte?

Onde encontrar esse humido escarlate  
De uns labios quentes? infernaes escólhos  
Para um artista; e, em dois castanhos mólhos,  
A cabelleira, que aos artelhos bate?

Traçar Eva a sorrir no paraiso!  
As laranjas de embigo dos seus peitos,  
O concavo dorsal e o ventre liso?

Da curva a excelsa lagrima descendo  
Pelos braços roliços e perfeitos  
A perna egregia e nos seus pés morrendo?

## MARCHA DOS BEIJOS

Olhai: — é o beijo azul dos namorados,  
— Na bocca em flor da carne pubescente;  
Beijo cinza — na face, o indifferente ;  
Beijos da seducção, beijos doirados.

Beijo verde, de um par de mal casados,  
E o da ternura, em nácar esplendente ;  
Beijo rubro, minaz, mostrando o dente ;  
Beijo do ciume, dos desesperados !

Beijo da magoa, beijo da desgraça,  
Em roxo, em lyrio, e em desolado assomo !  
O beijo roseo dos amantes passa...

Beijo amarello, e um outro negro vejo :  
Os de inveja e traição; mas nenhum como  
O branco, o eterno, derradeiro beijo!

## GONDOLA AZUL

Aportei longe, e com mil transe arco  
Na aspereza da volta. Esbelto e leve,  
N'um doce mar sem brumas e sem neve  
Foi deslisando o meu ditoso barco.

Volto, do céu talvez, plaga sem marco,  
Cujo esplendor e graça aos anjos deve.  
Paraiso do Amor! Mas cheguei breve,  
Para atolar de novo os pés no charco.

Sonho, gondola azul que me leavste!  
Tanto eu errei na Babylonia de ouro,  
Que nem soube da amarra em que ficaste!

Por tremendas rajadas sacudido,  
Hoje é o mar que feriste — um sorvedouro...  
Talvez não voltes, meu baixel perdido !

## ESMERALDA

Esmeraldas no heraldico diadema,  
No lóbulo da orelha cor de rosa;  
O collo — arde na luz maravilhosa  
De um triplice collar da mesma gemma.

No peito, aberto céu de alvura extrema,  
Entre nuvens de tulle vaporosa,  
Verde constellação, na fórma airosa  
De principesca e recortada estemma.

Agrilhoa-lhe o pulso um bracelete,  
Glaucas faiscas desprendendo; ao cinto  
Um florão de esmeraldas por colchete;

Nos dedos finos igual pedra escalda...  
Mas deixam todo esse fulgor extinto  
Os seus dois grandes olhos de esmeralda!

## CASTELLOS

Manhã de rosas. Chego. O adeus e um vago  
Giro no parque, á sombra das aléas,  
Beirando a curva do formoso lago  
Ceruleo e aberto em lotus e nymphéas.

Onze, no coruchéu. « Vamos ! » E afago,  
Ao seu convite, magicas idéas...  
Braço no meu, o lyrio branco mago  
Sóbe o torreão de antigas epopéas.

Entro... avoengas reliquias da nobreza;  
Brazonada baixella sobre a mesa,  
Flores e o mais que a um ágape concerne.

Risonho, espia o sol, pela vidraça,  
Ella a deitar-me, com infinita graça,  
Limão — nas ostras, no crystal — *Sautèrne*.

## ✠ VELHO MURO

Velho muro da chacara! Parcella  
Do que já foste : resto do passado,  
Bolorento, musgoso, humido, orlado  
De uma corôa vírde e singela.

Forte e novo eu te vi, na idade bella  
Em que, falando para o namorado,  
✠ Tinhas no hombro de pedra debruçado  
O corpo senhoril de uma donzella...

Linda epoméa te bordava a crista ;  
Eras, ao luar de leite, um linbo alente.  
Folha de prata, ao sol, ferindo a vista.

~ Em tí pousava a doce borboleta...  
E quantas noites viste, ermo e silente,  
Romeu beijando as mãos de Julieta!

## ESCADA DE JACOB

Espiralada para os céos, eu via,  
Torcendo rosas e ouro de alvorada,  
Essa infinita e luminosa escada  
De uma estranha e volátil fantasia.

Transfigurado e immaculo, subi-a :  
Era, partindo do meu triste nada,  
Uma ascensão gloriosa e imponderada,  
Era o sopro de Deos que me impellia !

Subo mais ! É a ternura, este o carinho,  
Este o beijo, este o afago, este o sorriso,  
Degraus tão doces da espiral de arminho !

Em que altura me sinto ! Oh ! maravilha !  
— É o céu ! Acho-me, enfim, no paraiso,  
Sonhando exausto nos teus braços, filha !

## GALANTERIA

Solitario, o castello. Uma rainha,  
Um pagem louro, uma tristeza, um drama ;  
O rei, distante da formosa dama,  
Saca, rugindo, a espada da bainha.

É a guerra ! O sangue jorra, e borborinha  
De bocca em bocca a temerosa fama.  
O calor da victoria o brio inflamma...  
E ella entre ulmeiros, pallida e sósinha !

O rei não volta da infernal viagem.  
Falla, exhortando-a, o apaixonado pagem,  
Sob os ulmeiros, n'uma tarde de ouro,

Ameigando-lhe as mãos finas e doces...  
— Como eu queria que a rainha fosses,  
Como eu queria ser o pagem louro!

## SÓ

Medito, e acho-me só. A olhar me ponho  
Toda a paisagem, silenciosa e linda.  
O verde é bello, o azul mais bello ainda...  
Bello, talvez! mas, pallido e tristonho.

Como ver floreo o plaino e o céu risonho,  
Si eu não ouço o tropel da sua vinda,  
— O séquito imperial de uma berlinda —  
Ao castello phantastico do Sonho?

Agora o dia, como um liz aberto ;  
Logo mais o crepusculo, fechando  
No calix murcho o páramo deserto.

Depois a noite!... E eu sem a ver, sem tel-a.  
O palacio do Sonho illuminando  
Como profunda e solitaria estrella!

;

## LUXURIA

Um estranho alvoroço me domina  
Si me appareces, triumphal senhora ;  
Rasgam-se os véos de treva e de neblina,  
E eis que me surge deslumbrante aurora.

Na tua bocca e nos teus olhos mora,  
O demonio da graça feminina,  
— Inferno augusto onde minh'alma implora  
A tua carne lubrica e divina.

Oh! colmeia de sonhos e desejos!  
Abre o dulçor de gosos infinitos  
Às abelhas famintas dos meus beijos!

Que os meus lábios febris, largando o gelo,  
Saltem, gritando, como dois cabritos,  
Na floresta aromal do teu cabelo!

\

## TAUREADOR

Só pelo olhar, um magico thesouro,  
De alta flor de Castella — o Leão na ameia —,  
Rompe, guapo, na liça : a fronte cheia  
De illusões cor de rosa e sonhos de ouro.

Temperando-lhe o sangue o ardor do mouro,  
Levanta a espada, que, a sorrir, floreia :  
Aço elegante, ao sol mordendo a areia,  
No esplendor de Madrid, lidando um touro.

Do garboso ginete os golpes lança  
Com tal destreza, com tal gesto nobre,  
Que em pouco a fêra denodado alcança.

Sangue na espada, — purpura lanceta! —  
Um manto largo de ovações o cobre,  
Entre largos clangores de trombeta.

## VICTORIA

Toque a rebate o aureo clarim do athleta !  
Da ovação popular a onda espumante  
Varreu-te os pés, victoriosa e uivante,  
E engrinaldou-te a Deusa cega e erecta.

A Liberdade veio, em linha recta,  
Quebrar-te a algema no sagrado instante  
E do teu seio sobre o golpe estuante  
Foi derramado o balsamo de um poeta.

Armas em folga. É tempo de repouso.  
Sê pai, sê filho, irmão, amigo, esposo,  
Deita a cabeça no immortal regaço...

Após tanta saudade, o tempo dil-o,  
Goza em teu lar, dulcíssimo e tranquillo,  
A suprema delicia de um abraço!...

## LUCTA SELVAGEM

Tresmalhada e balindo na montanha  
Para lutar as armas aparelha...  
A aguia desce, na tarde, sobre a ovelha,  
Que golpes de azas e ferrões apanha.

Em defeza do filho expõe a entranha,  
E a couraça felpuda se avermelha...  
Marra, escouceia, empina, arfa, ajoelha,  
Rasgando o corpo na hispida campanha.

Foge — a presa no bico formidando...  
Com o triste olhar o vóo acompanhando  
Fica a pobre da ovelha exausta e langue.

O heróe no espaço é um pavilhão guerreiro,  
Geme a derrota . E o candido cordeiro  
Vai pelos ares, escorrendo sangue.

## FEUDALISMO

Imaginemos uma dama e um pagem :  
Não és tu, nem sou eu. Amam-se um dia.  
Elle, pelo respeito á fidalguia,  
Sopita os éstos e haustos da coragem.

No palacio, porém, os olhos agem.  
— Comparemos os dois n'essa agonia :  
Elle commigo bem se parecia,  
Ella tinha o esplendor de tua imagem

Encontraram-se um dia, não vi como,  
— Cousas, já sabes, dos feudaes senhores —  
No discreto aposento do mordomo...

Que não te saia nunca da memoria,  
Oh ! soberba mulher dos meus amores,  
Tão pequenina e mal contada historia !..

## HESPANHOLADA

A minha espera?... Ris. Ora! tão alto!  
Como, pallido lyrio, á minha espera  
Lá n'esse arco armorial de rosas e hera,  
Impossivel a mim galgar de um salto?

Géla-me os pés este glacial asphalto,  
E a neve cáe do luar banhando a esfera..  
Quem teus beijos colhera, e quem me dera  
Surprehendentes degraus para um assalto.

E é quasi dia! Ris? Oh! não alcança  
Meu braço afflicto o teu balcão, senhora ..  
Fulge-me um raio de ultima esperança :

Sentidos e olhos no teu ser immersos,  
A aurea espiral do poema subo agora,  
Florida escada de quatorze versos!

## PURPURA DE ORLEANS

Abriu-se agora a exposição de flores,  
Flores na mais primavera! orgia!...  
O olfato goza, a vista se extasia  
No conjuncto de fórmias e de cores.

Tres ou quatro finissimos senhores,  
Reunidos, julgarão no ultimo dia  
D'entre ellas todas a de mais valia,  
A mais rica de aroma e de esplendores.

Ouve-me, flor : exhibe-te no meio  
Das rosas, com uma *purpura* no seio,  
E, alçando o collo, desafia o gremio.

Phrynéa de outro caso e de outra Idade,  
A fama correrá pela cidade  
Do teu encanto e do teu justo premio !

•

## FLOR DE LARANJEIRA

Ritual das noivas candidas. Desseque  
Sua textura a penna... Oh! não! piedade  
Para esse lyrio roxo da saudade,  
De olhos pisados a esconder no leque.

« Sim », violinara. E o cura, após: não peque...  
*Conjunga vobis!* O anel duplo... Invade  
Branca parelha os bairros da cidade,  
No arranco forte e festival de um *break*.

Ha um chuveiro de petalas de rosas.  
Benção dos pais. Bôdas. Noival. Fogosas  
Impaciencias do sangue. Estos de amor

« Emfim »! Despe a grinalda e o véo desata...  
E agora o frio, a solidão que mata,  
É o que ELLA vê, chorando, n'esta flor!

## PAVILHÕES

Eu não a quero, emfim, de outra maneira,  
A não ser branca — a paz e os armistícios.  
— Garridice de barcos e edificios,  
Que diz sobre este mastro esta bandeira ?

Nada ! Ou por outra — a contumaz cegueira  
Das guerras e dos barbaros flagícios ;  
Corvo flammante, no alto dos Supplicios,  
Ou atolado em charcos de sangueira.

Quantos cahidos e cahindo sob  
A mortalha fluctuante que lhes coube  
Na partilha de Terras e pendões!

Trapo que nada vale e nada exprime;  
No entanto acorda o ciúme e agita o crime...  
— É um pedaço de fralda das Nações!

# POESIAS



## NA PAZ DO SENHOR

Vim lá de baixo cá para a altura.  
Abril, florido, me aromatisa  
Com dolçurosos sopros de brisa  
No seio farto de Agricultura.

Longe das negras sobrecasacas,  
Com estas velhas roupas sem forro,  
N'uma aprazível aba de morro  
Dou milho ás pombas e ordenho as vaccas.

*Purrrruôô, purrrruôô...* E cil-a, travessa,  
A columbina revoada de azas,  
Deixando os ninhos, deixando as casas,  
E aureolando minha cabeça.

Eh, Mariquinhas ! eh, Rosa ! eh, Branca !  
São tres pedaços de raparigas,  
Que mais se tornam minhas amigas  
Depois da leve pancada na anca.

Mas, de uma os olhos consoladores  
São meus espelhos... Por isto valha,  
Em vez de um simples ramo de palha,  
O mais perfeito ramo de flores.

E dá-se o caso mais pittoresco  
Commigo, junto do meu rebanho :  
Em vez do calix depois do banho,  
Um tarro cheio de leite fresco !

Com as mães sadias, de filho ao collo,  
E os camponezes, de enxada ao hombro,  
Converso e rio com desassomhro  
Sob dourados dias de Apollo.

São todos meigos, e tão felizes,  
Sob este colmo que sai fumaça,  
Que está de férias meu cão de caça...  
Nem mesmo, á tarde, mato perdizes.

Nem leio mesmo qualquer gazeta ;  
Que é preferivel um claro rio,  
N'estas brumosas manhãs de frio,  
Ao mar damnado de tinta preta !

Nada de esforços, ancias e fausto,  
Bastam-me os ares, um fructo, um ovo,  
Para que volte de sangue novo  
O meu ferido pulmão exausto.

E aqui me tenho, calmo e risonho,  
Na paz divina de Jesus Christo:  
Até pensando que a vida é isto,  
Que estou vivendo dentro de um sonho!

Por entre pombas, rezes, novilhos,  
Eu ficaria n'este lar doce,  
Pudessem *elles*, e si não fosse  
Deixar em casa mulher e filhos!



## RECUERDOS

Foi ao sol. Resplandecia  
Oiro e mais oiro cá fóra...  
Foi ao sol de um meio dia  
Quando me olhaste, senhora.

Foi n'uma tarde. Lutuosa,  
Trajavas como as viúvas...  
Foi n'uma tarde de rosa  
Quando beijei tuas luvas.

Foi n'uma noite. Lembrada  
Deves estar dos recatos...  
Foi n'uma noite estrellada  
Quando tirei teus sapatos.

Foi n'uma aurora. Os desejos  
Fartos de um corpo florido...  
Foi n'uma aurora de beijos  
Quando aboteei teu vestido.

Foi... mas rompiam-se os laços,  
Ia fechar-se-me o céu...  
Foi um delírio de abraços  
Quando puzeste o chapéu!

## SAHARA

A ironia da luz gargalha e açoita.  
O sol é o gran-senhor de igneos ukases,  
Seccando as fontes, condemnando oasis,  
E o verde tufo de uma simples moita.

É o inimigo da sombra no deserto ;  
Vai arrastando o manto flammejante  
— Implacavel e atroz Judeu Errante —  
Na infinita amplitão do céu aberto.

D'antes o céu era o amoroso solio  
Da sacrosanta e excelsa Divindade;  
Era, da mais sublime magestade,  
O constellado e doce capitolio.

O céu chorava, rindo, por nós todos,  
Piedoso e bom, das immortaes alturas;  
Não havia o pavor das creaturas,  
Nem a calamidade dos exodos.

O céu chorava para nós bebermos!  
Floria o verde tenro das pastagens;  
E eram serenas, candidas paisagens  
Os tormentosos quadros d'estes ermos.

Da pupilla do céu, da azul pupilla,  
Em vez da extrema lagrima fecunda,  
Que de fertilidade o campo inunda,  
Cáe uma luz satanica e tranquillã.

Não ha vergontea para um tecto, um caibro...  
Uma simples palmeira não existe...  
Róla, faminta, lamentosa e triste,  
A cabocla gentil no pó do saibro.

Como escaldante macula de azeite  
Alastra-se o calor, queimando a pelle;  
A mãe, nos braços a criança imbelle,  
Amaldiçôa a vida, o amor e o leite.

Como, Senhor, como attestar o brilho  
Da vossa eterna e celestial clemencia,  
Si, debaixo do sol, morre a innocencia,  
Si não ha sangue para dar a um filho?

Nada mais n'este páramo areiento !  
Nem a pluma dos passaros, coitados !  
Sómente, olhos em chaga, esbogalhados,  
Boccas abertas para o firmamento !

Sinistra, ainda a beijar os amuletos,  
Rota, tremula, fraca, famulenta,  
Risca uma linha movediça e lenta  
A caravana horrível de esqueletos.

Fauces famintas estalando á sede,  
Implorando de Deos o pão ou a morte...  
Como era lindo descançar o Norte  
Ao doce embalo, tépido, da rede !...

Corre, na poeira, um halito do inferno,  
Sapecendo a pungente natureza...  
Gritos, lamentações, preces, tristeza...  
A Dôr caminha para o somno eterno.

Oh ! Israei sobre o areial disperso,  
Phantasma que não bebe e que não come,  
Possas um pouco alliviar-te a sede e a fome  
A fraternal migalha do meu verso !

Que eu não te veja aberta para o nada,  
Bocca sedenta de farinha triga ;  
Que eu não te veja, minha pobre amiga,  
Escancarada e só ! Escancarada !...



## PUNHAL

O punhal é de prata,  
Tem meu nome no cabo e na bainha,  
Com sinistros labores de obra minha.  
Triste d'aquelle, triste do mortal  
Que ella apontando me dissesse — mata!  
— Eu lhe traria, como flor exangue,  
Eu lhe traria, bebedo de sangue,

O coração na ponta do punhal!



## A LUVA

Bella como um junquillo  
A feminina e doce luva branca,  
Quando a febre do beijo  
Na bocca do bomem sorridente estanca,  
Com um meneio casquilho,  
N'um ceruleo momento de desejo ;  
Porém mais bella em rubros intervallos,  
Quando de um throno fragil e verdugo.  
— Calcando o ferreo jugo,

Rasga as fontes de vida dos vassallos !



## BEIJOS

†

Deu-me, não sei, na mania  
Contar-te historias. Escuta  
Esta que, doce judia,  
Tem o sabor de uma fructa.

Pois que do beijo se trata :  
(Guarda-me bem os segredos)  
Sobre as tuas mãos de prata  
Um beijo — dez! — em teus dedos.

Cousas, emfim, de poeta.  
Mas, outra ideia me nasce :  
Como doida borboleta  
Um beijo na tua face..

Tu morrerias de susto,  
Ficarias, talvez, louca,  
Si o meu beijo, a muito custo,  
Cabisse na tua bocca.

Beijo de amor e ciume.  
Vamos fazer-lhe o modelo :  
— Seja um frasco de perfume  
Derramado em teu cabelo.

Quem sabe lá do destino!  
Outra lembrança me veio :  
Ver meu beijo columbino  
Agasalbado em teu seio.

Isto será não sei quando ;  
Mas quantos, quantos escolhos  
Teria um beijo nadando  
No triste mar dos teus olbos !

Como seria um encanto,  
N'uma explosão de desejos,  
Tu, a despices o manto,  
Toda estrellada de beijos !

Na bocca, seios, pupillas,  
Faces, mãos, cabellos, fada,  
Mesmo que o beijo repillas,  
Deixo-te em versos beijada.

Longe o meu sonho atrevido,  
Perdôa a mim, por quem és !  
Doce, humilde, arrependido,  
Fica o meu beijo a teus pés !

## SALOMÉ

O meu castello roqueiro,  
Feito na beira do mar,  
Onde me fiz cavalleiro,  
Onde aprendi a te amar,

O meu castello, senhora,  
O meu castello perdi.  
Dentro da noite ou da aurora  
Dava os meus carnes a ti.

Hoje, vencido guerreiro,  
Nem mesmo sei o que sou ;  
Ficam trophéos no terreiro,  
E a minha lucta acabou.

Do meu viver nem supponhas,  
Deixa-me a dor n'um crysol.  
— Mais triste do que as cegonhas  
Meditando ao pôr do sol.

Eras da minha guitarra  
A mais formosa canção,  
A maior flor de Navarra  
Dentro do meu coração.

Sobre um camello, chorando,  
Vi-te no Cairo uma vez,  
Quando andava eu destroçando  
As caravanas do inglez.

Iam cantando as escravas  
— Por seres filha de um rei ! —  
Sabia por que me olhavas,  
Porque choravas não sei.

N'um laranjal de Sorrento  
Foi que te amei, grande flor :  
Eras meu contentamento,  
Eras um vaso de amor.

Tinhas por sobre a cabeça  
As flores do laranjal ;  
Eras, senhora condeessa,  
Uma princeza real.

Era um jardim de Verona,  
Era um luar, era eu,  
Era a mais doce madona,  
Eram Julieta e Romeu...

Certo não tens na memoria  
Esse mavioso jardim ;  
Já te esqueceste da historia,  
Como esqueceste de mim.

Depois, da felicidade  
Fomos sobre azas, também,  
Não sei si á immortalidade,  
Não sei si á Jerusalem...

E hoje, no cinto uma espada,  
Nas rotas armas um liz,  
Para te ver, minha amada,  
N'um *boulevard* de Paris !

A que andou no sol do Oriente,  
A que nasceu em Jeffet,  
Cantando macabramente  
Cousa, não sei de quem é !

Volte-me a espada á bainha,  
Chore a guitarra os meus ais,  
Esta que já foi rainha,  
Já foi mulher, não é mais !



## SUPREMA ANGUSTIA

Eu, em nome do céo, vou fazer isto :  
Vou collocar-te, victima da ideia,  
Na protecção do martyr da Judeia,  
Sob a inconsutil clamyde de Christo.

Clamarei pela colera divina  
Contra quem, surdo, não te deixe em paz ;  
E, quando do odio rebentar a mina,  
Morrerá Judas, morrerá Caifaz.

A justiça de Deos tarda, não falha :  
Derriba thronos, como arrasa claustros  
Póde ainda gozar de honras e plaustros  
Quem geme agora na algidez da palha.

Soltando este floral brado expontaneo,  
Tremo de onvir, tremo de assim fallar...  
Mas eu trago relampagos no craneo,  
Como dentro de mim um meigo altar.

A ampla sonoridade d'este grito,  
Este rosario de capricho e pranto,  
Com accentos radiosos de meu canto,  
Vem do meu coração de pai afficto.

Vem de minh'alma triste e lacrimosa,  
Como esta pallida e infeliz mulher,  
— Inconsolavel Mater Dolorosa —  
Desfolhando o seu roxo malmequer.

Vêde, em luto, esta candida creança  
Chorando aos pés de Deos pelo seu pai,  
N'uma tão vaga e tremula esperança  
Subindo lenta, na espiral de um ai!

Haveis de uivar, famelicis raposas,  
Monstro de perversão, manhoso e astuto ;  
E ha de o heijo de amor, o doce fructo,  
Apodrecer na bocca das esposas.

Andarão os filhinhos pela rua,  
Aviltados os pais, mortas as mães,  
Por noites duras, hibernaes, sem lua,  
Rotos e perseguidos pelos cães.

Em vossas mãos a fulminante bomba  
Explodirá, levando-vos o braço...  
Sobre o vosso telhado e no terraço  
Só tereis o milhafre, e não a pomba.

Talvez que não possais ouvir-me a estrophe,  
O tinir de oiro do immortal ceitel,  
E nos vossos cyprestes ria e mofe  
Um peregrino passaro de abril.

Hão de murchar nas orbitas os olhos  
Das formosas e angelicas donzellas ;  
E os pés, d'essas que os têm como as gazellas,  
Hão de sangrar no espinho dos escólhos.

Ireis na vida n'um macabro tango.  
Os seios brancos morrerão, em flor ;  
E, no logar do rubido morango,  
Um cancro negro, de infundir horror !

Esses de agora esplendidos cabellos,  
Que vos dão da belleza o imperio e a posse,  
Não serão mais, no encannecer precoce,  
Que nojentos e rusticos novellos...

Mas não, Senhor. A fê aqui me trouxe !  
Não volvereis castigo para nós...  
O vosso olhar é compassivo e doce  
Como a cabeça branca das avós.

Vêde-me aqui rodeado d'estes anjos,  
Brotos do meu amor e do meu sangue !  
Que florida região tireis de um mangue,  
Estrellai os meus lyricos esbanjos !

Perdoai o fogo, o intemerato alarde  
Do quanto expiro, por amor do bem;  
Que cáia a benção, como cáe a tarde  
Sobre um singelo campanario, além!...

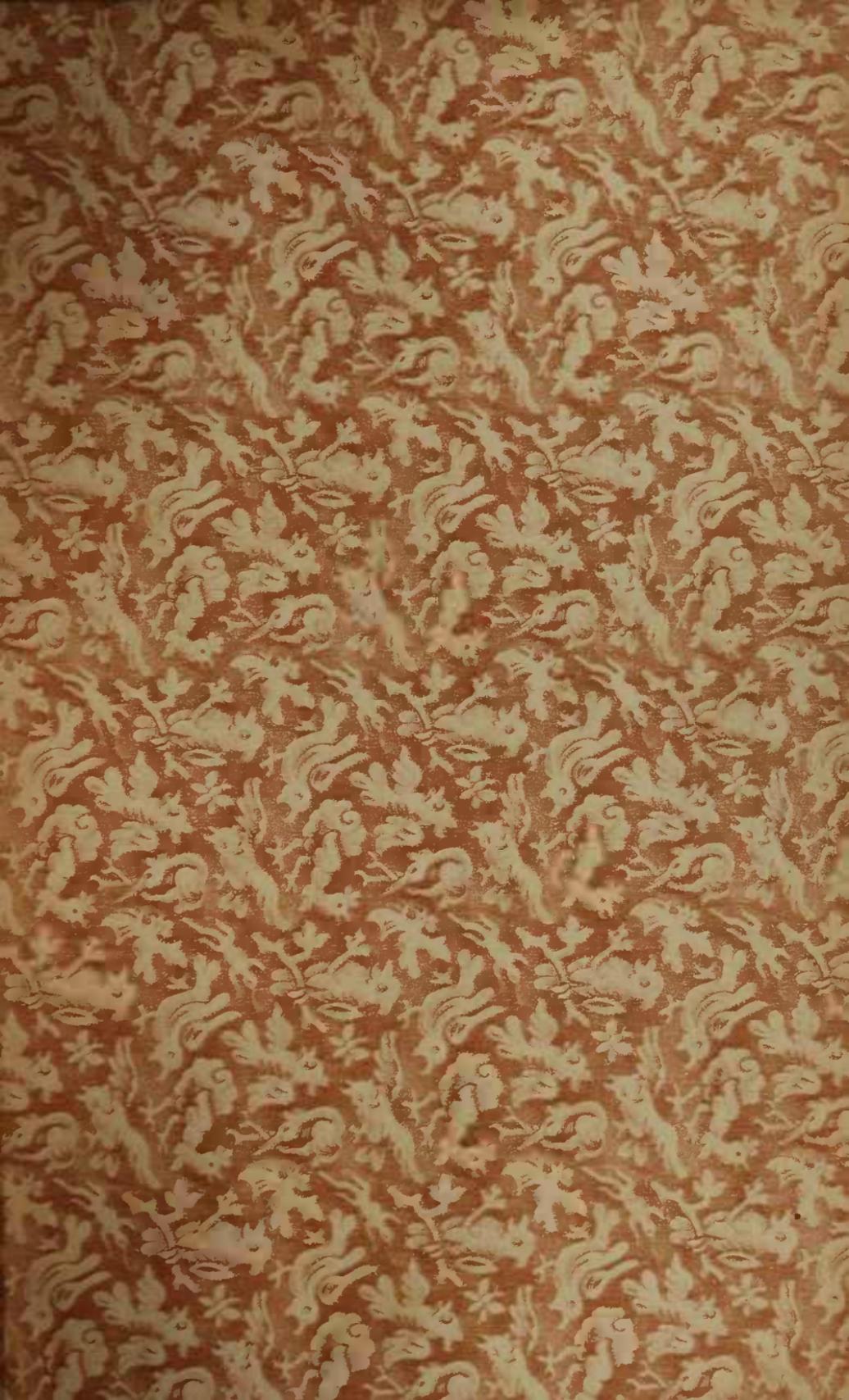
Cahirá, talvez, na irradiação suprema  
De um grande azul, nadando em luz de gloria;  
E ficará, para eternal memoria,  
Sobre nós todos, como um diadema













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).